



Alvão
Parto, 1913

NO OUTONO: A' janela rustica
(Cidade Alvão)

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 1 de Dezembro de 1913

Série—N.º 406

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portu-
guezas e Hespanha:

Redação, administração, offe. de composição e Impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent.

Semestre..... 2540 cent.

Ano..... 4880 cent.

Numero avulso. 10 cent.

EU CURO A RUTURA

Sem uso ulterior de funda 17-E

Se o sr. está rendido ou sabe de alguém que sofre de rutura, deve interessar-se pelo meu método de cura. O meu plano difere de todos os outros pelo facto de não só conter toda a variedade de ruturas n'uma forma confiável e segura com perfeita comodidade, mas faz formar-se novo tecido na abertura da rutura, unindo assim o lugar roto e produzindo uma cura absolutamente perfeita e permanente. Nenhum outro método produz este resultado. Provei já muitas vezes que posso curar a rutura ainda depois de duas operações terem fracassado. Os meus pacientes curados passaram pelas maiores provas e reconhecimentos medicos e fisicos e os doutores certificaram a cura. Nenhuma pessoa quebrada e demasiado nova ou demasiado velha para adotar o meu método — nenhuma quebradura é tão má que não possa ser curada.

Entre os milhares de pessoas que foram curadas estão os srs. Gaspar Paula, rua Mousinho da Silveira, 163, Porto, Portugal, sol.citador, 64 anos de idade, herniado do lado esquerdo havia 10 anos; e o

sr. Antonio dos Santos, travessa de Froes, 21, Santarem, Portugal, 75 anos de idade, hernia escrotal, de 6 anos; e o sr. D. Bernabé Felto, Calle Baja, Caspe; P. de Zaragoza, que foi curado na idade de 59 anos e que diz:

«Estou completamente curado e já não uso mais a funda. Dou-lhe muitos agradecimentos pelo grande cuidado que tem com os seus doentes».

Escreva-me imediatamente a pedir-me informações completas do meu método e com elas lhe enviarei uma amostra gratuita do meu tratamento, franco de porte. Escreva-me imediatamente antes que a sua rutura chegue a estar estranzulada e uma operação seja o unico meio (mas não certo) de lhe salvar a vida.—Dr. Vm. S. Rice (S. 825), 89, Stone-cutter S T., Londres, E. C., Inglaterra.



CÓRTE ESTE COUPON E REMETA

CRUZEIRO DO SUL

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Caixa Postal 1064 Rio de Janeiro

PARA OBTER OS DEVIDOS ESCLARECIMENTOS

O futuro da familia póde depender desta consulta

Meu nome.....
 Residencia.....
 Edade.....anos. Posso dispender anualmente (sem sacrificio) Rs.....
dedede 191.....

CUIDADO!

não bebam senão cerveja

Hanseatica

E' A MAIS SABOROSA

Rua Dr. José Hygino, 115—RIO DE JANEIRO

BRASIL



Fabrica Palmeira

49
 TELEFONE 17
SUCURSAL—Ver-o-peso
 Telefone 526 Caixa Postal 206

A primeira do Norte do Brazil, montada com todos os aperfeiçoamentos, satisfazendo as maiores exigencias nos artigos de seu ramo.

SECÇÕES DE
PADARIA, CONFEITARIA, BISCOUTARIA, TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ, REFINAÇÃO MECANICA DE ASSUCAR, MANIPULAÇÃO DE CHOCOLATE, MOAGEM DAS FARINHAS DE MILHO, ERVILHA, TRIGO, FEIJÃO, ARROZ ETC.;

Importante secção de Massas Alimenticias, onde se fabrica o afamado macarrão em pacotes, o unico que rivalisa com o Italiano, obtendo a medalha d'ouro na Exposição de Turim, em 1911. Fabrica-se tambem **Bombons, Amendoas, Cacau-Leite** em latas e sortimento completo de Biscoitos. Encontra-se á venda grande sortimento de cartonagem propria para presentes.

Rua Paes de Carvalho, n.ºs 6 a 16—PARÁ

Seda

Suissa

franco de porte a domicilio. Últimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em velludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.

Schweizer e Ca., Lucerne E 12 (Suissa)

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anonyma respons. limitada

CAPITAL:

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlianã e Sobretirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermilo (Lousã), Vale Maior (Albergaria a-Velha). Instaladas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276
PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117.



ALMANAQUE DO "SEculo"

O mais completo e barato dos almanaquees portuguezes
 Compreendendo as mais perfectas secções de utilidade geral
Artigos literarios, scientificos, artisticos
Poesias, pensamentos, contos illustrados
Profusão de magnificas gravuras
 E uma completissima

AGENDA DO CIDADÃO

na qual todos encontram as datas precisas do cumprimento das suas obrigações para com o Estado

Preço 12 centavos (120 réis)

A' venda nas livrarias, tabacarias, kiosques, succursaes e agencias do SEculo de todo o paiz. Pedidos acompanhados da respectiva importancia em selos ou ordens postaes á

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo" — LISBOA

Por seu poder sobrenatural

Este homem opera milagres

Os cegos enchem, os paralyticos caminham. Os invalidos condenados pelos medicos, recobrem a saude graças a ele

NÃO HA MOLESTIA QUE ELE NÃO CURE

Ele suprime as dôres, sara as chagas, cura os cancros, a consumpção e os tumores, e opera maravilhas que confundem a medicina moderna e desafiam a explicação

Oferta notavel de consultação gratuita feita aos doentes e aos aflitos. Ele os cura em suas proprias casas, sem vel-os, tão facilmente como se estivessem em sua presença

«Correspondencia especial. — As curas quasi que milagrosas, obtidas pelo metodo do sr. professor Mann, d'esta cidade, são de um carater tão surpreendente, que elas causaram uma viva curiosidade, uma imensa sensação e uma admiração colossal. Inumeras vezes ele tratou doentes que eram declarados incuraveis pelos medicos e conseguiu trazel-os á saude e á vida, do modo o mais incompreensivel. Seu metodo é envolto de profundo misterio. Pois é averiguado que ele não se serve de droga alguma prescrita pelos medicos. Ele pretende ter descoberto uma certa lei natural, que possui propriedades especiaes e desconhecidas até hoje; com a applicação d'estas propriedades, nenhuma molestia é incuravel. É estabelecido, por provas indiscutíveis, que o poder misterioso que lhe deu esta descoberta, lhe permittiu dar a vista aos cegos e o uso de seus membros aos paralyticos. Graças a ela, elle reanima a chamma da vida que está quasi a apagar-se, em pessoas que estão á beira do tumulo e torna a dar a saude a doentes condenados por sumidades medicas mesmo. Elle parece exercer uma autoridade absoluta sobre as molestias que devastam a humanidade e parece dilatar suas vontades á morte em pessoa. Seus conselhos são inteiramente gratuitos e se bem que a sua sciencia o ponha no caso de limitar sua pratica só a uma frequencia abastada e de adquirir assim uma grande e rapida fortuna, elle prefere dar gratuitamente seus conselhos a todos, sem distincção de classe nem de fortuna.

«Sou dono da minha descoberta, diz elle, e faço aproveitar a quem bem me parece. Posso curar com a mesma facilidade a tuberculose, o cancro, a paralisia, a albuminuria, a neurastenia ou qualquer molestia chamada incuravel, como posso curar o reumatismo, os embaraços gastricos, o catarro, o envenenamento do sangue e as outras molestias que afetam o organismo. Tenho igual satisfacção em dar meus conselhos ao pobre como ao rico. Quando se trata da saude, o dinheiro cessa de ser um fator importante a meus olhos.

«Eu trato o principe e o mendigo no mesmo pé de equaldade. Para mim todos são eguaes, como deante da lei; não faço nenhuma differença social entre meus doentes. Se quero professionalizar meus cuidados a todos indifferenteemente, nada me impedirá de fazel-o. Direi mais: continuarei a cuidar de meus doentes com estes principios todo o tempo que for capaz de fazel-o. O que os outros fazem ou deixam de fazer, não me saberia influenciar. Sinto que é meu dever de curar aqueles que sofrem; não posso deixar meus semelhantes lutar em vão contra a molestia quando está em meu poder o alivial-os. Pois affirmo de novo que não existe molestia que eu não possa curar.

Esta afirmacção pôde parecer ousada! Talvez o seja, mas não o é mais que a verdade mesmo. Conheço a força maravilhosa que está em minhas mãos, porque a puz em prova inumeras vezes. Vós sabeis que a tísica pulmonar é considerada incuravel; pois não ha muito tempo, uma donzella, Miss H. L. Kelly, foi informada pelos medicos que era atacada de consumpção e que seus dias eram contados. Na opinião d'estes medicos, o mal era incuravel. A pobre rapariga se desesperava. Pois eu a curei, embora contra o veredito da faculdade; curei seus pulmões e tornei a dar ao seu corpo emaciado as feições de outr'ora. Uma senhora de Montbéliard, atualmente sob meus cuidados para a mesma terrivel molestia, me escreve que ella

está quasi curada, e com pouco poderei contar com mais uma victoria na minha luta contra a morte. Ninguém pôde avaliar a satisfacção que tenho de roubar ao tumulo a preza que elle reclama; é impossivel compreender o regosijo que se apodera de mim n'esta dominação absoluta que exerço sobre a morte.

A therapeutica moderna jámais curou o cancro. A cirurgia opera, mas o cancro volta sempre e traz sempre a morte, lenta mas seguramente. Curo o cranco, e isto sem o emprego do bisturi. Não preciso cortar as carnes nem serrar os ossos; meu tratamento é facil, agradavel e não causa dor alguma, entretanto que o mal desaparece. Uma de minhas pacientes, Mma. Melen, soffria d'este mal terrivel: ella já via deante de si a morte horrenda, mas entregou-se a meus cuidados e ficou completamente e radicalmente curada.

A paralisia é outra molestia suposta incuravel. Sr. A. Tournant soffria d'este mal terrivel. Com poucos dias apenas de tratamento, elle poude deixar o carrinho que não tinha abandonado durante oito anos. — Sr. Etienne Ducret ficou curado em oito dias de uma neurastenia de que soffria havia onze anos. Sr. Ducret clama por toda a parte que eu fiz um milagre em seu favor. — Havia mais de trinta anos que o sr. René Larcher padecia de reumatismo articular; elle não podia mais caminhar, não comia mais, engordava muito e toda a especie de trabalho tinha-se-lhe tornado impossivel: elle curou-se completamente com quinze dias de tratamento.

Sr. Cristobal Garcia era cego, havia seis anos, em consequencia de cataratas que afetavam ambos os olhos; em cinco dias elle ficou curado sem a menor intervenção chirurgica.

Os casos que acabo de citar são os que me veem á mente de momento, entre as centenas de casos mais ou menos identicos que estão arquivados no meu cartorio; se os cito, é apenas para provar que não existem molestias incuraveis. Estas molestias eram incuraveis até á descoberta de meu metodo; ellas não o são mais hoje.

—Mas como é que opera essas curas maravilhosas? Como é que possuistis este extraordinario poder?

«Ser-me-ia preciso uma explicação longa demais para esclarecer tudo isso; mas aqui tendes um livro que escrevi e no qual descrevo minha descoberta e meu modo de curar os doentes; eu não vendo este livro, mas sim o distribuo ás pessoas que se interessam por meu metodo; eu mando-o gratuitamente a todos aqueles que m'o pedem. Além d'isso, a toda a pessoa doente que me escreve, indicando-me seu sexo e descrevendo os sintomas de que sofre, envio o diagnostico de sua molestia, junto com o meu livro intitulado: *As forças secretas da natureza*. Dir-lhe-ei tambem a causa dos sintomas de que sofre atualmente e o modo de obter a sua cura pela Radiopatia. Abri em Paris um escritorio para a correspondencia. Basta, para receber todas estas informacções escrever uma carta dirigida ao sr. G. A. MANN, Secção n.º 2:012 H. clé, Rua do Louvre n.º 48, Paris. A todos os que me escreverem darei a prova evidente do poder que possuo.»

—Quereis assim dizer que todo o mundo pôde, sem excepção, se prevalecer d'esta oferta graciosa?

«Digo absolutamente o que penso e farei absolutamente o que digo: Todas as que me escreverem receberão meu livro, o diagnostico da sua molestia e a prova do meu poder a titulo absolutamente gratuito.»

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

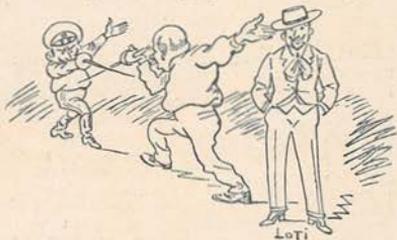
CRONICA

N.º 406

1-12-1913

PIERRE LOTI

Pierre Loti, que as ultimas fotografias nos trazem vestido de toureiro andaluz, de calça larga de belbute, jaleca e sombreiro d'aba direita,—publicou ha tempo um livro d'ocasião sobre a guerra dos Balkans. Como, n'esse livro, o autor de *Madame Chrysanthème*, defendendo os turcos, insultasse a Bulgaria,—o tenente bulgaro Torcom, em nome do seu paiz, mandou-o desafiar. Torcom veio a Franca e acaba de bater-se em duelo. Com Pierre Loti? Não. Com George Breittmayer. O duelo Pini-Mérignac resurgiu, um momento, lam-



Loti

pejante de espadas francezas; um *maillot* cinzento e um *maillot* negro atiraram-se um contra o outro, fusilando, tinindo; e emquanto no largo peito do bulgaro o sangue borbulhava,—Loti, comodamente sentado na praia de S. Sebastien, entretinha-se a ver a carne loura, a carne trigueira de vinte, de trinta mulheres, entrando, mordida de sol, na agua verde do oceano...

OS EDIS

Lisboa assistiu hontem á eleição dos seus numerosos vereadores. Não ha de ser por falta de edis que a velha cidade coroadá não remoçará, na esplendida elegancia d'uma cidade moderna. E' evidente que Lisboa precisa de largos melhoramentos. Mas não me parece muito facil chegar a um acórdio ácerca do



plano geral aadotar. Ha, manifestamente, correntes opostas. Uns, sonhando uma Cosmópolis de amplas avenidas geometricas, cortadas, n'um jorro de ar e de sol, sobre as ruinas do burgo, da Alfama e da Mouraria, entendem que se deve abater, demolir, arrazar tudo quanto fôr velho; outros, invocando o exemplo da antiga Paris, da antiga Bruges, da antiga Londres, teem a opinião de que os hairros historicos devem conservar-se, com os seus cruzeiros, os seus resultos, as suas rotulas, os seus telhados flamengos, os seus painéis de azulejo, as suas vielas de palmo. E,

afinal de contas, ambos teem razão. E' natural que da dificuldade de conciliar o criterio moderno com o criterio arqueologico resulte afinal para os novos edis a mais comoda das soluções: deixar Lisboa como está.

HERCULANO

Pensa-se em retirar dos Jeronimos o cadaver de Herculano. Fala-se em remover para Santa Engracia, tornada Panteon, os restos do grande historiador. Podem estes propósitos obedecer — e obedecem, decerto — á mais



nobre e á mais respeitosa das intenções; não deixam, por isso, de consagrar uma injustiça. O tumulo de Herculano faz hoje parte integrante da arquitetura da casa capitular dos Jeronimos. Não é uma instalação provisoria: é um monumento. Para transladar seria, portanto, necessario — demolir. O argumento de que devem sistematizar-se os cadaveres illustres, conservando-se apenas no templo de D. Manuel os heroes e os cantores da nossa epéa maritima, não me parece sufficiente para justificar esse gesto, que não poderá ser, no fundo, senão um gesto de expulsão. Levár Herculano para as obras de Santa Engracia é, evidentemente, uma idéa menos feliz. Se o assombroso evocador da *Abobada*, cuja obra de bronze enche quatro seculos de historia, saísse dos Jeronimos por se ter esquecido de cantar a India, — só haveria um monumento digno de guardar o seu cadaver: — a Batalha.

LITERATURA

Acaba de publicar-se um livro de versos admiravel: *Anciedade*, de João de Barros. A eloquencia do lirismo, a sobria nitidez dos



conceitos, a originalidade imprevista das formas melódicas, a intensa individualidade do sentimento e da expressão, marcam a este livro, de direito, um nobre logar na poesia portugueza contemporanea.— Com ele, outro belo volume surgiu: o *Livro d'Horas*, de Hipolito Raposo, singular temperamento de artista,—cuja prosa doce e tranquila, cheia de evocações e de cor, de ritmos largos e de transparencias luminosas, ficaria bem no pergaminho amarelo dos velhos antifonários, aberta em capitulares d'ouro brunido. JULIO DANTAS.

a calada



A noite corria solitária e escura. Apenas no alto fulguravam as estrelas, raras e tremulas como velhos imundos arripiados de frio, respontando de brilho o palio negro dos ceus. Na sombra erma, as arvores adquiriam aspetos fantasmagóricos de formas humanas monstruosas, e pareciam mover-se ao vento estendendo braços gigantes. Não adejava murmúrio doce de voz e nem os rouxinoes cantavam nas balsas perfumadas, alegrando de poesia e de lirismo a melancolica mudez noturna.

Jacinto, com um pau de choupa ao hombro, o largo chapéirão de feltro carregado para a nuca e um ar satisfeito e confiante, caminhava agilmente na azinhaga, afastando-se das sébes de espinhosas e silvados que muito bem podiam ocultar embuscadas. De certo que não era assustadico, costumeado desde criança á solidude dos descampados e á hostilidade da natureza envolvente, sem temor ás : parições de superstição popular, ás almas penadas errando na escuridão profunda, aos lobishomens que a certas horas fataes surdem nas encruzilhadas e de que falam as lendas tradicionaes da gente ingenua, simples e crente.

—Dos vivos, dos vivos é que eu tenho medo!— costumava ele dizer. Agora lá os mortos não me podem fazer mal!...

Corajoso, brandindo rijamente nas rixas de brigos o seu cajado com a certeza absoluta da força do seu braço e da serenidade do seu coração deante do perigo, metia afoutamente pelas espessuras da folhagem afogada na treva, de cabeça erguida, arrogante, num gesto de desafio a inimigos imaginarios. A's vezes sentia bolir o mato quente e abrandava o passo, olhando para traz, com o sangue circulando apressadamente nas veias:—era alguma ave notivaga que levantava vôo, piando lugubrememente, espavorida pelo barulho que os sapatões ferrados do caminhante faziam nos pedregulhos soltos. Jacinto ria da sua timidez instantanea e retomava, contente, a marcha. Os homens são para o mundo!

Ao sair do chavascal, o trilho cortava quasi a direito pela encosta do monte escalvado, seguindo ao longo do rio que em baixo refervia num rugir triste e surdo de aguas despenhadas. A' vaga, incerta, claridade estrelar, Jacinto descortinava, ao fundo do barranco, brancuras de espumas levadas na torrente furiosa. D'onde a onde, rangiam madeiramentos de azenhas moendo os louros trigos ou os grãos de milho transparentes como bôlhas de sol condensado e que entre as mós de granito se pulverisavam em alvas farinhas. Não deparava, porém, folego vivo que com a sua presença tranquilisadora humanisasse a paisagem e, por momentos, alegrasse a solidão. Apenas de quando em quando vislumbra o lucilar longinquo d'alguma luzinha debil aluminiando talvez seroadas festivas e idilicas ao repenicar das violas, ou dolorosas vigílias de enfermos. Ao longe latiam cães guardando as granjas adormecidas, os pomares vergando de frutas maduras, as vinhas onde as uvas saborosas alouravam.

Esta desolação era propicia a Jacinto, que não queria que a sua peregrinação a desoras fosse conhecida. Todas as noites, depois da ceia, quando o gado socegava pelos curraes e a porta das herdades se fechava, ele palmilhava as duas le-

guas de caminho bravo e adusto que o separavam do casal onde Marta o esperava com uma tremura de coração se tardasse e sorrindo meigamente ao vel-o aparecer, destemido, ousado, com a faixa de lã escurilata á volta da cinta, o mangericão na orelha, a braza do cigarro ao canto da boca! Para aligeirar a monotonia da jornada, Jacinto, enquanto andava nos estreitos atalhos cobertos de tojo florido, de urzes agrestes e rasteiras, de rosmarinhos aromaticos, ia recordando amorosamente o rosto amado que uns olhos negros e cismadores animavam e enterneciam, aviava a sua paixão por essa mulher que o trazia absorvido num divino sonho de felicidade. Virá-a, pela primeira vez, numa espadelada e logo ficára preso da sua graça, da sua frescura, da sua mocidade prometedora e fecunda. Para a cativar, praticára loucuras e foi em vão que tentaram dissuadi-lo daquele amor funesto incutindo-lhe pavor, dizendo-lhe que Marta era requestada pelo Francisco de Briteiros, o mais resistente pulso e o lódo mais elastico das redondezas, rapaz bravo e temivel, suspeito de ter assassinado o filho do regedor da freguezia, o Bernardo, que quizera disputar-lhe o afeto da taberneira do Corvil.

—Tanto se me dá!...—acudira Jacinto com desdenhosa, fria indiferença. Não ha homem que me faça recuar um passo. Se eu souber que a morte me espera no meio duma estrada, não pensem que me afastarei. A'gora afasto!...

—Mas atende!...

—As minhas contas estão deitadas. Será o que Deus quiser! Marta será minha porque me quer e eu a quero a ela.

—Pois segue essa inclinação. Tua alma, tua palma!...

O namoro começou então, e Jacinto foi pontual ás entrevistas combinadas. Encontrava-se com Marta quando os moços de lavoura, fatigados do trabalho diurno e recolhidos, dormiam a sono solto enrocados nas palhas com os punhos fechados debaixo da cara. Falava-lhe da congosta, que contornava a herdade, para a janela do palheiro—janela tão baixa que ele, se se aproximava um pouco mais, sentia o halito morno de Marta e o arfar ofegante do seu farto e redondo seio virginal. Dos alegres do quinteiro subia o aroma dos cravos em flor, que incensavam a aragem. Em certas noites de calmaria, uma lua branca e pura ascendia das bandas do nascente, flutuando no azul sideral como um lirio de luz e derramava sobre as coisas imoveis, sobre os arvoredos, sobre as habitações silenciosas, como uma benção, a nitidez d'uma claridade que parecia comunicar alma e sentimento ás formas inanimadas e inconsistentes: e, como outr'ora em Verona, quando Ro-

meu se encontrava com Julieta, os rouxinoes escondidos nos canaviaes e nas romanzeiras do pomar, punham-se a cantar ao desafio. As horas fugiam com azas de seda, no fio da aragem, sem que os dois namorados dessem por isso, na embriaguez das suas confidencias. Quasi sempre o anuncio da manhã, que ruborizava o ceu e tocava a dunia frouxa tieira de luz o cume das serras, os vinha separar, acordando-os para a real dade.

—Adeus!—murmurava Marta, desprendendo as suas mãos das de Jacinto.

—Só mais um bocadinho!

—Não! Pode vir gente!... Os moços levantam-se muito cedo... Adeus!...—teimava ela.

—Poís vae-te!—exclamava Jacinto despeitado.

—Mas não ficas zangado comigo?... Olha que se me vêm a falar contigo, a esta hora, é o fim do mundo!

Meu pae acode e acaba tudo!

—expli-cava Marta já de dentro do palheiro. E' preciso termos cautela!

—Eu zangado? Ora essa! P'isso lá eu zangar-me contigo, que te trago no coração...

—Bem acredito eu!

—Podes acreditar, que é serio. Juro-t'o, por alma de minha mãe.

Marta sorria enlevada na confiança daquele nobre amor que com tanta sinceridade se confessava, e sumia-se no interior do casebre, fechando vagarosamente a janela, para que não a presentissem, e Jacinto, jovialmente, regressava á granja, asobiando no alvorecer da madrugada e despertando os melros pelas sébes.

No entanto, o derriço tornou-se conhecido, falou-se nele com inveja pelos serões da aldeia e o Francisco de Briteiros, quando daí em diante passava por Jacinto, encarava-o com olhar torvo, de má catadura e resmungando palavras inintelligíveis.

—Onde te dóe sei eu!—comentava Jacinto. Mas, se cuidas que me arreceito de ti, enganaste. Experimenta e veras que has de encontrar a fórma do teu pé.

Marta, contudo, depois que as ameaças de Francisco lhe chegaram aos ouvidos, vivia num sobresalto constante, e era com inquietação que vinha encostar-se á janela do palheiro, quando a noite ia alta, esperando o namorado. Jacinto, extra-nhando-a, perguntava-lhe ironicamente:

—Tu tens medo, rapariga?

—Tenho medo por ti, que podes ter algum mau encontro por esses ferregiaes, por esses sitios despooados!

—Se é só isso, não te apoquentes. Eu tambem tenho dois braços para me defender, e olha que não dos mais pécos!

E não eram, efetivamente! Ainda pela feira de agosto Jacinto varrera o campo, levando á frente do seu pau ferrado todo o povoleo, só porque um bebado, saindo aos bordos duma taberna, beijára vorazmente sua irmã Margarida. Estendera-o com uma estridente bofetada e, como os companheiros do ebrio crescessem para ele, em attitude aggressiva, Jacinto puxando do cajado que sibilava no ar, fez uma clareira á sua roda. O rumor da briga chamou os feirantes que corriam bra-

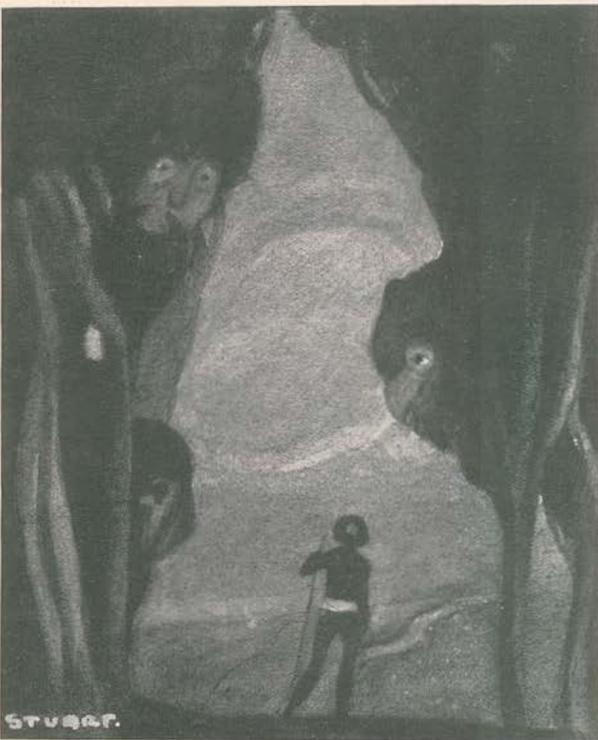
mino, de cacetes erguidos: mas ele abriu caminho, á paulada, entre a multidão, partindo cabeças e braços, sem que os outros lhe tocassem, tão lesto e agil era. Esta façanha épica fóra muito celebrada, criando-lhe uma fama notavel de valente.

—Deixa lá esses receios, Maria! Eu não sou feito de mel e por isso as moscas não me hão-de comer!

—Mas sempre seria bom que não falassemos durante algum tempo!—lembrava ela. Afinal, nem uma pessoa anda socegada.

—Isso não. Se queres acabar, então é para sempre!

Os olhos de Marta arrasavam-se de lagrimas e era com voz sumida que ela soluçava:



—Poís tu queres?

—Eu não quero nada!—interrompia, já arrependido. Tu é que queres...

—Eu, é por ti!...

—Se não viesse, riam-se de mim, chamavam-me medroso... Antes morrer, do que ser envergonhado.

Vagarosos mezes foram passando e todas as noites Jacinto e Marta conversavam, já tranquilizados. Faziam agora projetos para o futuro—porque aquele idílio que ha tanto tempo os traz a embelhados e extasiados de felicidade ia terminar. Casariam brevemente. Marta pensava no seu bargal de linho cheirando a alfazema e a maçãs ce-mozas, no seu vestido de noiva, nos arranjos de sua casa. Depois do casamento iria para a herdade de Jacinto, com ele cultivaria as extensas ter-

ras de lavoura que os paes lhe tinham legado e que, pelos outonos fartos e sentimentaes, enchiam de abundancia tulhas e celeiros. Devotadamente os seus braços lidariam de sol a sol, nas arduas lides agricolas, para aumentar a fortuna herdada e para o bem estar dos filhos sadios e fortes que decerto nasceriam daquela união feliz. A ventura juncava de rosas o caminho suave que os noivos pisavam!

Cismando e devaneando, Jacinto avançava sempre, internando-se pelos côrregos para encurtar a distancia. Atravessava agora um pinhal fechado e povoado de terrores. Na treva, os pinheiros eram vultros misteriosos e pareciam curvar-se, com a mancha negra da sua rama sobre a terra, escutando. Das sarças levantavam-se os môchos, batendo as azas no cerraceiro da escuridão. Os sapatos de Jacinto prendiam-se nos enlaçamentos das silvas que se coleavam pelo chão como serpentes, atolavam-se nos matos moles que abafavam o som dos passos. Sobre a sua cabeça apertavam-se as ramarias formando um doce que não filtrava um tenue fulgor das estrelas que, nas alturas, faiscavam. Houve um instante em que, imprevisivelmente, se sentiu preso pela gola da japona. Um calafrio correu-lhe o corpo; mas, recuperando a serenidade de animo, deu um salto de lado. O ramo dum arbusto ficou ramalhando na solidão, o que fez rir Jacinto.

—Já os dedos me parecem hospedes!

Estava quasi no fim do pinhal e dali ao casal

—Quem manda?—perguntou Jacinto apertando nervosamente nas mãos calosas o pau.

—Manda quem pôde. Ou por bem ou por mal, para além é que se não passa!

—Pois ha-de passar-se!—teimou Jacinto altivamente, continuando a andar.

Um vulto embaçado appareceu no caminho, aперando uma espingarda e exclamando.

—Jacinto, vae-te embora, se não queres ir ceiar com o diabo!

—A' cão!—rugiu ele.

Era o Francisco de Briteiros que, devorado e alucinado pelos ciumes, lhe fazia uma espera traioceira.

—A' cão!—exclamou de novo Jacinto, correndo de pau erguido para o rival. Com o diabo vaes tu ceiar!...

Francisco deixou-o aproximar-se sem se perturbar e sem arredar pé, procurando-o na sombra decerto para não errar a pontaria, e quando Jacinto estava a dez metros apenas, poz a espingarda á cara e desfechou. Um estrondo atroou a campina rasa.

Jacinto levou anciadamente a mão ao peito, encharcando-a no sangue fumegante que corria em borbotões da larga e funda ferida aberta pelo chumbo embalado, e proseguiu:

—Má raios, que me mataram!

Deu ainda alguns passos hesitantes e caiu, de borco, escabujando e mordendo a terra nas vasculas da morte. Rindo sarcasticamente, Francisco



de Marta a distancia era apenas dum quarto de legua.

—Que, negrume!—exclamou ele, acelerando a marcha.

Saira da mata, caminhando a passos firmes e sonoros pelo carreiro que conduzia á povoação. O ar frio circulava livremente, refrescando-lhe o resto e estimulando-o. Estava perto. Já ouvia cantar os galos da aldeia de Marta e os campos planos estendiam-se suavemente sem uma ondulação mais violenta. Um subito contentamento invadiu o espirito de Jacinto e a figura meiga da noiva illuminou-se na sua imaginação. Começou a assobiar a *Chula*, no silencio noturno, batendo com a choupa do cajado nas pedras do atalho.

Ao passar perto do cruceiro, onde uma luz votiva de azeite iluminava o nicho em que sorria perenemente aos crentes uma imagem religiosa, Jacinto ouviu um estalido seco e parou, apurando o ouvido.

—Que será?

Mas, como nenhum rumor mais se escutasse na escuridão soturna, reenceou a caminhada, dizendo:

—Ainda esta noite não fiz outra coisa se não atemorizar-me! Se eu fosse outra casta de homem, havia de pensar que me estava para acontecer uma grande desgraça!..

Inesperadamente, alguém, escondido com o cruceiro bradou:

—Eh! lá, ó amigo, volte para traz!

avançou para o ferido, esmagando-lhe as costas com a coronha da arma e dizendo, escarninho:

—Bela noite, esta da tua boda!

—Marta!.. Marta!...—gemeu Jacinto.

—Espera por ela no inferno, marrano!

—Pouseu-lhe a bota de cano sobre o dorso, carregando brutalmente e atirando, n'um desvairemento, furiosas coronhadas sobre aquella pobre carne trucidada que ia deixando de latejar, gritou:

—Pois que pensavas? Querias Marta, hein? Marta é minha, só minha. Quem pretender tirar-m'a, morre, como tu. Nem Deus nem o diabo lhe acode... Marta é minha, ouves?... Hei-de dar-lhe tantos beijos como de grãos de chumbo te meti na carcaça, estafermo!

O corpo de Jacinto foi sacudido por um derradeiro estremecimento das fibras vitae que estavam e paralisou. O de Briteiros gargalhou sardonicamente:

—Ficou como um passarinho!

Pondo a espingarda em bandoleira, petiscou lume com o fuzil, tirou do bolso do colete um cigarro, acendeu-o e partiu satisfeito soprando bahoradas de fumo á brisa e modulando a meia voz:

«Rouxinol canta de noite,
«De manhã, a cotovia,
«Ai i ó ai!..»

"Atravez do Mundo..



Tu que tens a figura e o ar austero
D'um vero sacerdote,
E em cujo couro cabeludo, o córte
Se não pode taxar de simples zéro;

Que chamas a luxuria o mais nefando
Crime de penitencia sempre escassa,
Porque tens no olhar um brilho quando,
Quando ela passa?!...

ARCACHON — CHALEF DU GOLF.



E' desolante aos trinta e cinco... digo
Aos vinte e poucos, a viuvez
E esse tremendo luto e a palidez
Que traz assim consigo.

O tempo é o grão consolador discreto...
Que lenitivos entesoura!...
E depois... sendo esbelta e sendo loura,
Que bem lhe fica o preto!...

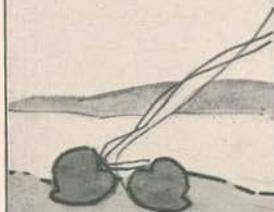
COBLENZ — VILA GERMANIA.

Choras aquele amor que vai perdido
Como fumo no azul disperso ao vento;
Eu aquilato bem teu desalento,
Coração pela dôr fundo ferido...

Assim chorava, ha tempos, no meu seio
Quem só d'amar-te muito teve a culpa
E tu deixaste da ventura em meio,
Sem razão, nem desculpa...

COMO — MONTE BRUNATE.

Carlos Alcantara Carreira.



O 50.º aniversario dos Arqueologos Portuguezes



1

1. O chefe do Estado presidindo á sessão.
2. O sr. Rozendo Carvalheira, lendo o elogio dos socios
cujos retratos se inauguraram

O 50.º aniversario da associação dos Arqueologos Portuguezes foi solenizado com a inauguração dos retratos dos socios fundadores srs. conde de S. Januario, Valentim Correia, Joaquim da Nova,



2



3

3. O sr. Presidente da Republica entrando no museu arqueologico do Carmo.—(Clichés deBenollet)

A morte do bispo conde de Coimbra



1. O cadáver do bispo antes de entrar no jazigo

O bispo conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Basto Pina, que faleceu ha dias em Carrejoza, era um prelado exemplar cheio de altas virtudes e possuidor d'um tolerante espirito. Homem culto, d'um trato bizarro e fidalgo o bispo tinha reunido em volta da sua pessoa calma uma serie de amigos devotados. Quando se tratou da fundação d'um



2. A eça na igreja.

partido catolico de governo recusou terminantemente a sua adesão entendendo que a igreja só devia impôr-se pelo seu lado religioso e não pelo politico.

Assim pensava o homem que faleceu com 83 anos passados da mais serena maneira e cujo funeral constituiu uma verdadeira apoteose ás virtudes de que era dotado.



3. O enterro saindo da capela.

Os Boy-Scouts de Cabo Verde



Uma das secções dos boy-scouts

O consul da Inglaterra em Cabo Verde sr. A. T. Taylor, capitão de fragata da marinha inglesa instituiu em S. Vicente um batalhão de boy-scouts que muito tem contribuído para a educação das crianças de todas as classes que ingressam na agremiação.

Varias familias contribuem largamente para o cofre dos boy-scouts cujos exercicios são frequentemente presenciados por grande numero de pessoa exceto quando o grupo se afasta da cidade e vae para o campo fazer o seu estadió de alguns dias.



D'esta forma o sr. Taylor, com os seus auxiliares, vae realisando a educação fisica dos pequenos que á semelhança das creanças inglezas se desenv'o'em, perdem o terror dos perigos e os afrontam até, formando-se assim para as grandes lutas da vida o que não sucede com a educação escolar falta dos largos e arrojados exercicios ao ar livre que ao mesmo tempo fortificam e disciplinam.

E' esta uma das melhores agremiações do genero e que já relevantes serviços tem prestado.



Os chefes dos boy-scouts: sentados, no centro, o secretario sr. Simão Barlay á sua direita o sr. G. Eveleigh e á esquerda o sr. A. Miranda. De pé da esquerda para direita os srs. Silvino Guimarães, O. Morley, R. Bandeira e C. Silva



O acampamento dos boy-scouts

A GUERRA NO MEXICO



Revolucionarios mexicanos nos mais variados uniformes.

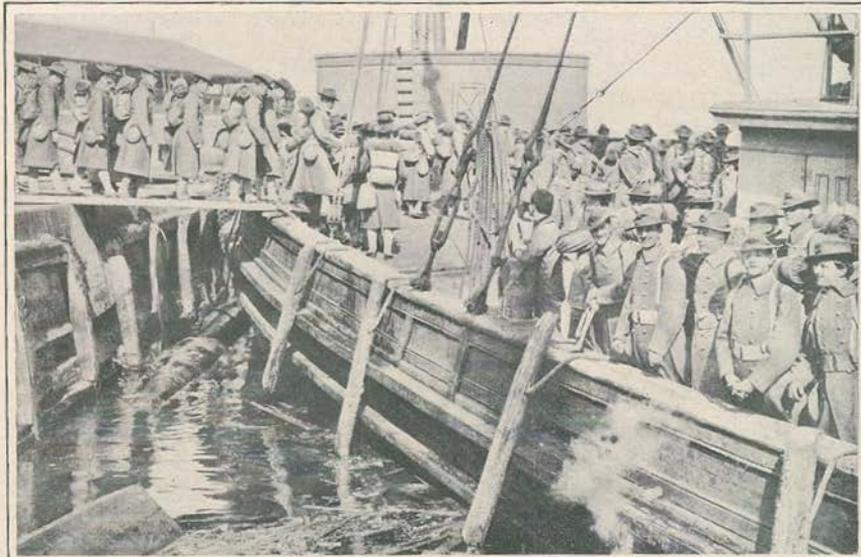
Depois do exilio forçado do ex-presidente do Mexico Porfirio Diaz, que durante vinte e cinco anos fez prosperar a sua patria, não tem havido mais uma época larga de tranquilidade na fértil Republica. As lutas travam-se sucessivamente, os presidentes não conseguem fixar-se; alguns são vitimados como ultimamente Madero e outros obrigados a entrarem nos horrores



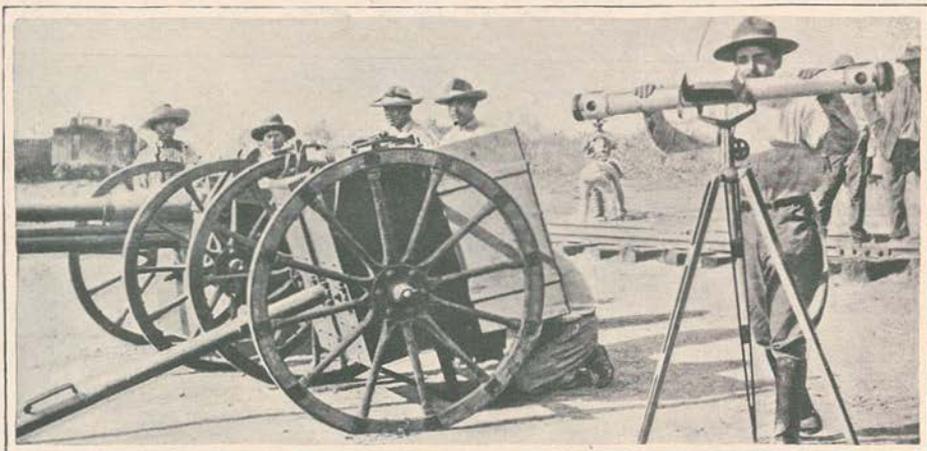
O presidente Huerta

da guerra civil como acontece presentemente ao general Huerta teimoso em não deixar o poder.

O seu partido composto por individuos ambiciosos não hesita nas violencias e o presidente fica apesar das ameaças dos Estados Unidos em intervir em a fim de porem um termo aos sanguinolentos combates e ás chacinas que já iam durando muito.

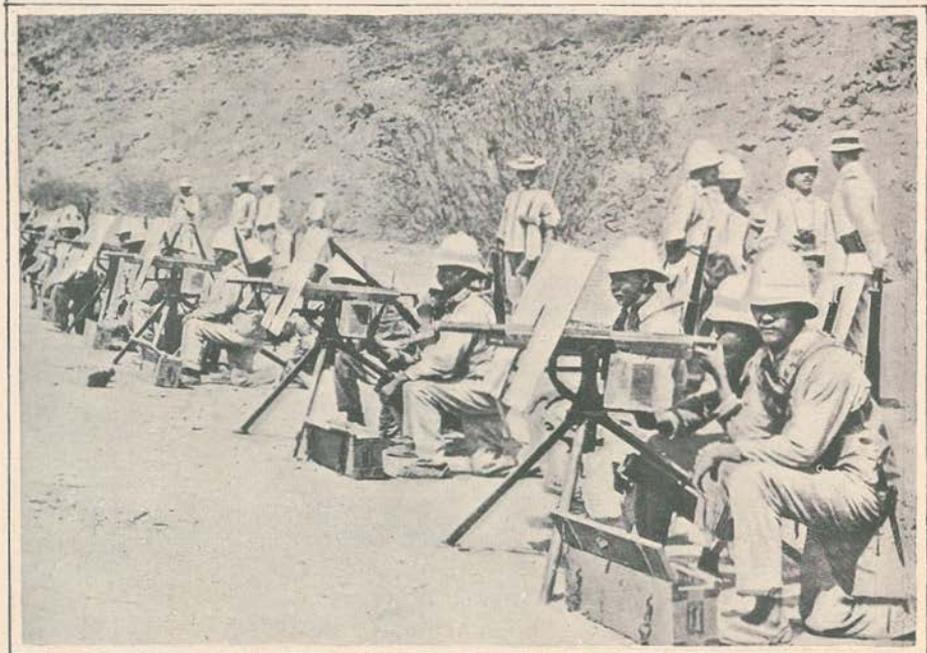


Embarque de tropas da America do Norte para o Mexico.



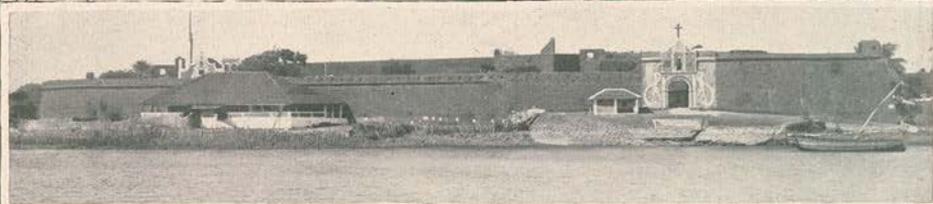
O presidente Wilson mandou o *ultimatum* mas nem assim Huerta mudou de resolução agarrando-se cada vez mais ao governo acusando os seus adversários de serem um bando de desordeiros anciosos do poder. Navios americanos carregados de tropas dirigiram-se para o Mexico mas o presidente e os seus amigos continuaram gerindo a parte dos negocios em que ainda podiam ter mão.

O general Blanquet pretende prender o chefe do Estado que considera n'uma situação arbitrária. A guerra continuou apesar das potencias terem enviado os seus navios ás aguas mexicanas e Huerta apresentou-se ao Congresso, recebeu o corpo diplomatico e com grande pasmo de todos abraçou o ministro dos Estados Unidos como a indicar que novas negociações se entabulariam a seu favor.



1. A artilharia das forças fieis a Huerta.—2. Metralhadoras do governo.

DAMÃO



Em Damão pequeno: o forte de S. Jeronimo.

Damão é uma reminiscência de aventura nacional. Não se fez d'esta cidade um mercado, tornou-se n'um padrão. Não se desenvolveu, conservou-se.

ça, o maior destruidor da crença hindu, o maior fanático da sua religião que atravez de tudo buscava impôr. Damão grande é uma forte'ez; Damão pequeno ficalle fronteira e é protegida pelas baterias do forte de S. Jeronimo.

no. Ha só isso a fazer na cidade de Damão. Por assim dizer é necessario revolver d'alto a baixo essa terra onde a decadencia não consegue ser vencida ape-

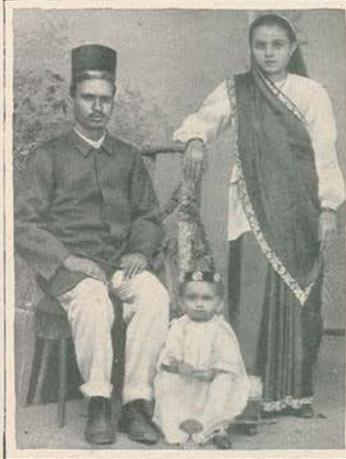


Mouros em trajos de gala

As suas muralhas acusam o valor dos port-guezes e evocam as batalhas em que o Grão Mogol sofre as investidas rijas da gente de D. Constantino de Bragan-

Apresentam restos de grandeza essas evocadoras terras indianas; teem a feição guerreira do passado e a nota do esplendor antigo. Os seus predios, alguns enormes, mostram como uma nota de abandono. Aparecem destelhados, as paredes fendidas, as portas demolidas, as vidraças quebradas, desabitados entre as grandes muralhas sobranceiras aos fossos profundos.

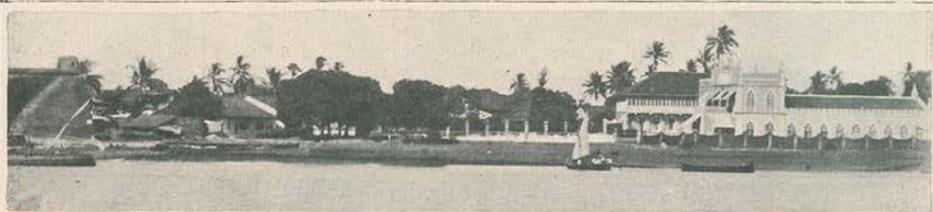
De toda esta vutestez devia ir subindo porém, uma cidade com os seus ares de quem busca remoçar, er-guendo telhados de «chalefs» como os do palacio do gover-



Parses

sar de todas as boas vontades.

Terra de pequenos pantanos, charcos e agua estagnada tem a insalubridade motivada por este abandono,



Em Damão pequeno: O Salão de D. Luiz



Tipos da casta Alparqueiros

por esta falta de higiene de que vem a peste e a colera fazendo numerosas vitimas como succedeu ha anos.

Foi um verdadeiro exodo para o visinho territorio britanico. Familias inteiras, receosas da epidemia, levaram os seus haveres, partiram com a pressa de quem foge a um flagelo sem remedio; conduziram consigo os creados e foram estabelecer-se na visinhança aguardando melhores dias.

Assim começou Damão a despovoar-se. Os portuguezes uma vez nos territorios de Dadiá e Nangar Elvely instalaram-se, transportaram para ali as suas aptidões e deixaram que os predios outr'ora habitados fossem caindo em ruínas, se estilhaças-



Tipos da casta Varli



Um ballado de gentios

sem, se fendessem causando em grande parte a ruina.

E' de crer que com a perseverança das autoridades e uma nova organisação que as cousas vão tomando n'aquela colonia um dia esta comece a prosperar como as suas visinhas inglezas.

A industria que ali mais floresce é a dos tecidos d'algodão que os indigenas conservam; pesca-se o bambolim que é um alimento tradicional e pouco apreciado pelos europeus. O commercio tambem não é importante e a agricultura não se tem desenvolvido.

O arroz é o principal alimento



Tipos da casta Douréas



Tipos da casta Dublás



dos indigenas e eles o cultivam para seu consumo não chegando todavia para as necessidades locais. O azeite de cajuri, que tambem tem largo consumo, extrae-se de uma palmeira muito vulgar e a pouco mais se resume a cultura n'esta terra fertil mas abandonada pelos braços.

A propriedade pertence a uma meia duzia de grandes capitalistas que não voltam para ela as suas atenções



sendo verdadeiramente desoladora a miseria d'uma legião.

A prova da fertilidade da região e de como ela se podia desenvolver largamente, com um emprego logico de capitaes, está na maravilhosa vegetação e nos soberbos jardins que cercam o palacio do governo em Damão pequeno.

As suas salas, as suas galerias, todo o conjunto do edificio é soberbo e moder-



1. Os oleiros Indios—2. Ourives maratas—3. Tipos da casta Deres

nisado o que mostra como se tem cuidado oficialmente d'ele.

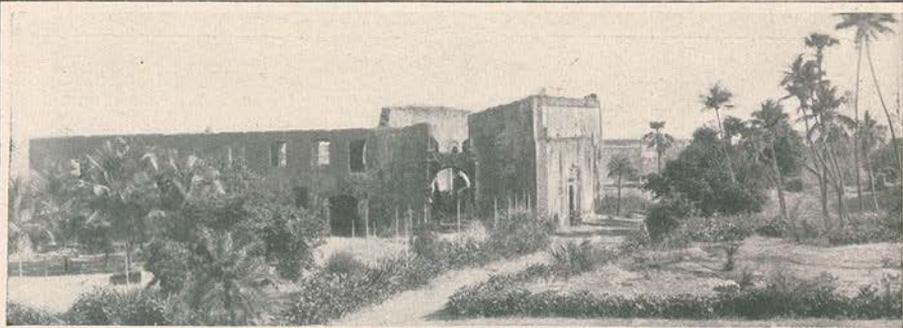
Ha cousas porém que não pôdem ser impulsionadas pelos governos por mais esforços que façam a não ser que em leis largamente reformadoras transformem por completo sistemas tradicionaes.

A co'eta sobre a propriedade inculta teria talvez um bom exito em Damão, daria os resultados das medidas agrarias tomadas em Itália quando do abandono do solo por parte dos seus possuidores.

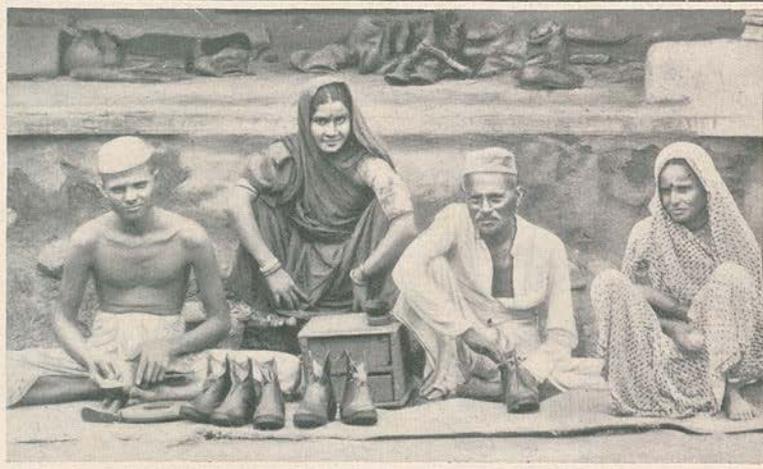


Magallnas (pelxeiras)

Familias opulentissimas de principes, com a tradição perdida do Cincinato agricultor, achando indigna a tarefa do cultivo, deixaram ao abandono os seus largos dominios até que o governo com o seu tributo justissimo sobre a propriedade n'essas condições causou o emprego dos braços, a diminuição da miseria e gerou a fertilidade d'um solo até ali desaproveitado. O mesmo poderá succeder em Damão. Se Damão pequeno é isto, o grande é uma fortaleza amura-



Ruínas do convento de S. Domingos



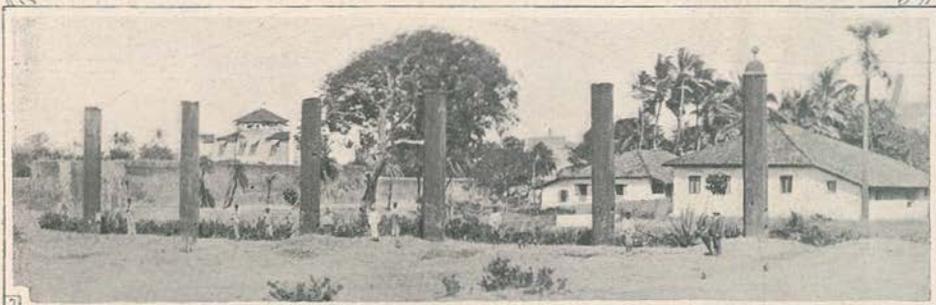
Sapateiros Indios

lhada contendo bons edifícios e o que o seu passado representou marcam-no admiravelmente as ruínas.

E' toda a epopéa a desmorronar-se aos olhos do homem para ficar apenas na historia.



O palacio do governo em Damão.



As velhas forcas

dentro da fortaleza

E' necessario salvar-as tambem do olvido; é preciso acudir quanto antes a esses restos e sobretudo a liquidar o abandono a que pouco a pouco se foram habituando, o que gerou as correntes emigratorias.

Com um apoio decidido dado á agricultura regional, as industrias immediamen-



te se desenvolverão e a colonia acordará d'um letargo em que está dentro dos muros.

Do contrario no periodo de alguns anos, proclamam todos os que a visitam, ela não será mais do que um campo morto dentro das formidaveis muralhas coevas da conquista.

Tipos da raça Deres

A região de Lucala

A séde do concelho de Ambaca, é também a do entroncamento das linhas dos caminhos de ferro de Loanda e de Malange.

O seu commercio tem-se des-

sabem que a sua actividade tem paga e d'ahi o cultivarem atura-



1—Uma pequena cachoeira no rio Lucala.

envolvido muitíssimo pois é o centro da região produtora do café essa terra abençoada.

Mais de cem europeus formam ali o alto commercio que de dia para dia tende a aumentar em virtude das grandes vias de comunicação existentes ali mais do que em qualquer outro ponto d'Africa.

Os meios de transporte para o interior deram a Lucala já ha muitos anos esta propriedade. Ali acode todo o *ambaquista* com o seu café

a fim de realizar o negocio da troca. O seu contacto com os europeus deu a este povo uma leve tintura civilisada;



O commerciante sr. José Maximino da Cunha e sua esposa seguitado na sua charrete

damente os cafezaes fonte de toda a sua riqueza.

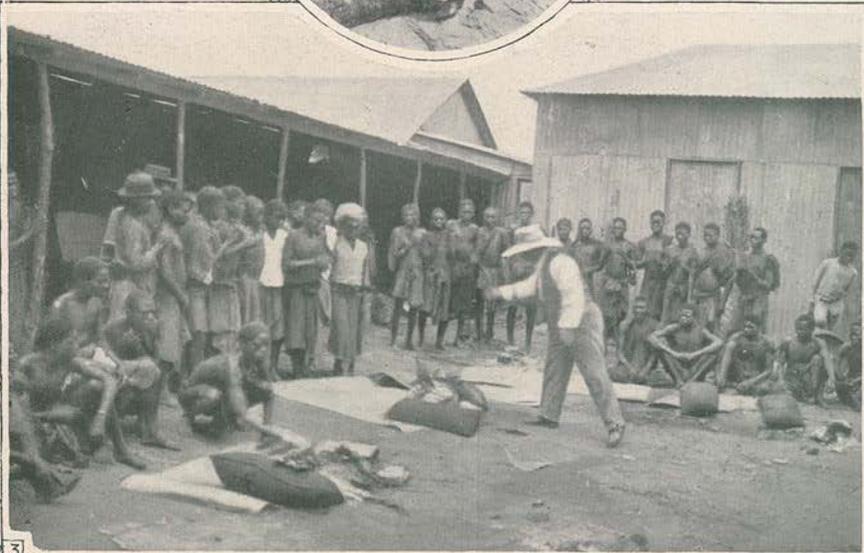
As suas cubatas ficam a mais de



cem kilometros de Lucala mas logo que teem a colheita pronta facil se torna transpol-os vindo então com os seus sacos cheios trocar pelos produtos que o europeu lhes oferece o resultado do seu trabalho.



Regressam novamente ás terras que habitam mas levam comsigo os panos, as mercadorias, o vinho, a aguardente com que se alimentam n'aquelles campos ferteis que são a base da prosperidade de muitos eu-

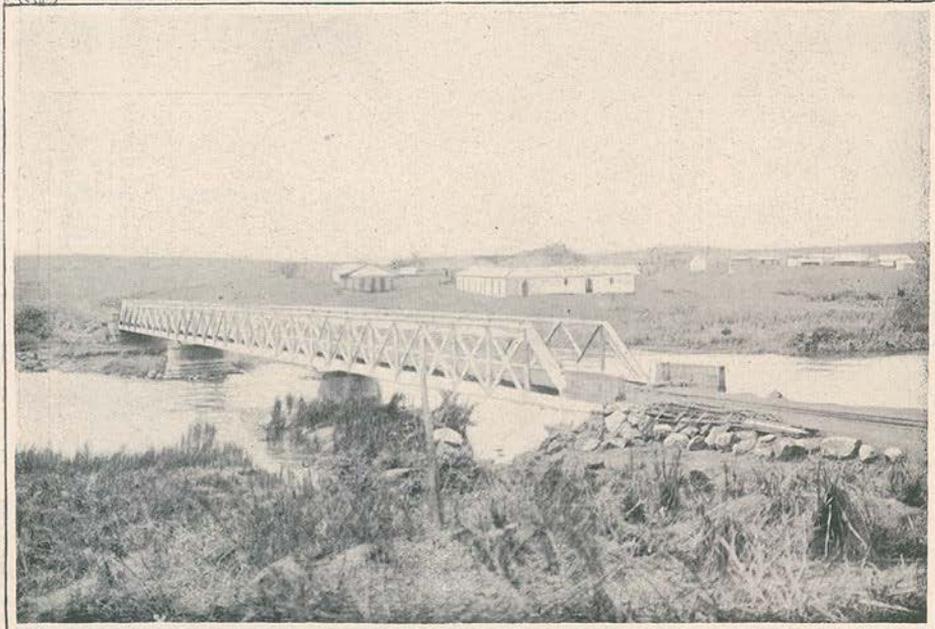


1. A casa do comerciante sr. Maximino da Cunha no dia 5 de outubro.—2. O fotografo amateur sr. Antonio Lagrifa, autor dos clichés que acompanham este artigo.—3. O sr. Jose Maximino da Cunha, grande comerciante na Lucala, distribuindo o peixe seco aos negociantes que lhe trazem o café.



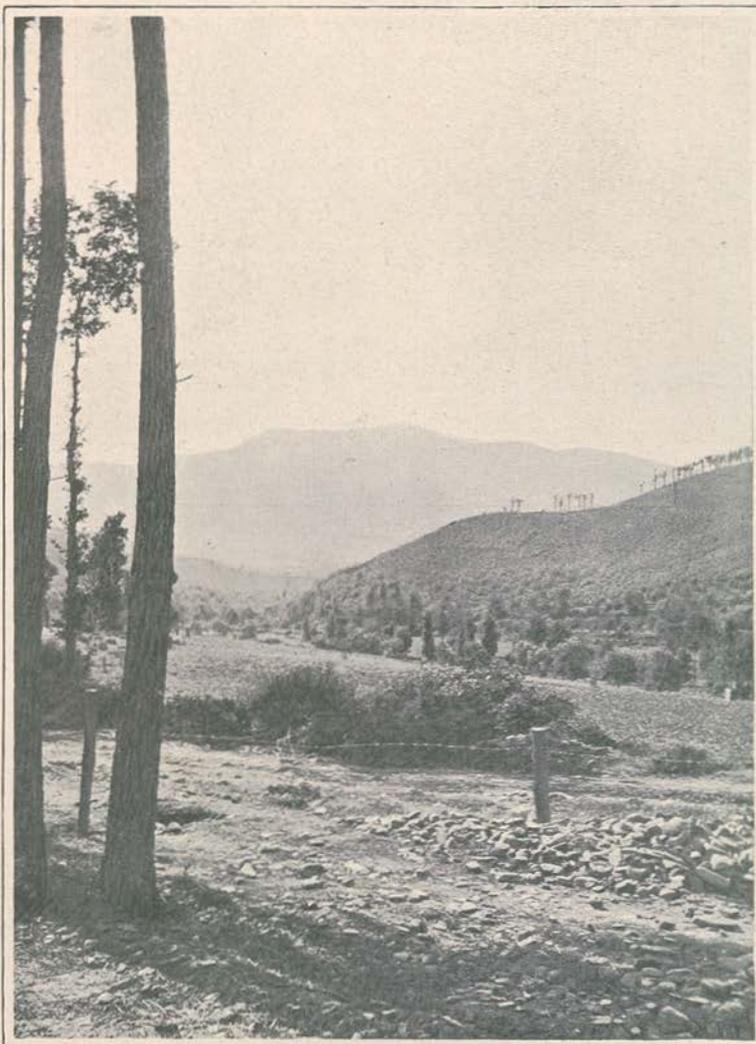
O pessoal Indígena ao serviço do sr. Jose Maximino da Cunha.

ropeus que apesar da rudeza da vida que ali se passa, não hesitaram em se fixar n'aquela região cada vez mais prometedora.



A ponte do caminho de ferro sobre o rio Lucala.—(Clichê do distinto fotógrafo sr. Lagrifa.)

Entre Estrela e Guardunha



O vale do Alcubar

Para quem desce as penhascosas ravinas do Covão de Unhães, depois de se ter deslumbrado nas alturas de Sabat, e atravessou as opulentas várzeas da Ribeira da Alforfa,—o vale do Alcubar é ainda um enigma que mal se vislumbra na esbatida grandiosidade da montanha que se ergue para as bandas do sul, embora a paisagem que se movimenta a toda a volta do Zezere, n'um largo pe-

rimetro em que cada leiva de terra é um oásis de cultura e um santuário de emoção, permita visionar o que quer que seja de surpreendente na engrandecida progressão dos episódios.

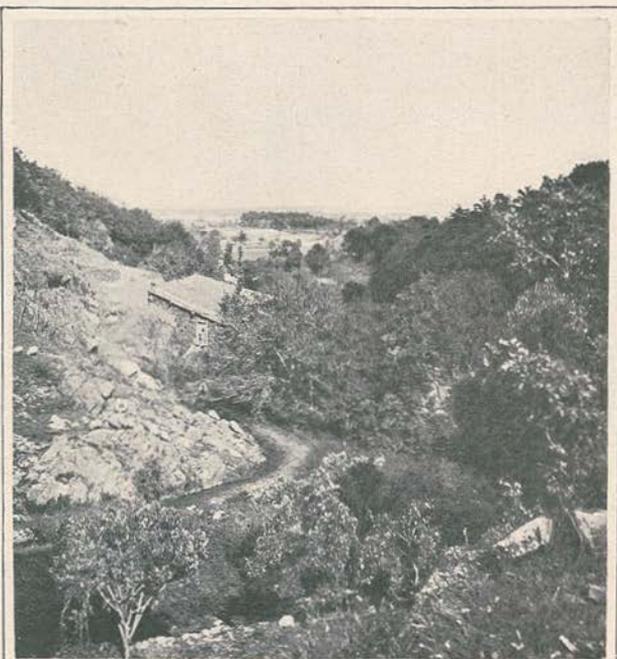
Mesmo no coração da Guardunha, perdido pelas gargantas da serra em caprichosas sinuosidades, o vale do Alcubar concentra, a bem dizer, a alma da perspectiva regional. Apertado entre en-

tre costas alcançadas, cuja projeção nas altas cumieiras do Cavalinho acorda a evocação das Pirâmides nos longes de Gizeh, o Alcambar, como expressão lírica de paisagem, senti-lo-eis cantando em deslumbramentos de vida na água que espada na das rodas de cada azenha, no choalhar dos rebanhos largando dos bardos, com a estrela d'alva, para as alturas da Senhora da Penha, nas vertiginosas ravinhas por onde se insinua a mesma feracíssima cultura dos estreitos redutos que se aglomeram ao fundo, protegidos por fortes batuéis contra a inclemência dos invernos...

Com a sua origem n'um ponto de referência, típico, da Guardunha — o Casal do Maneta, sumido ás encubras de umidos mais frondosos soutos da



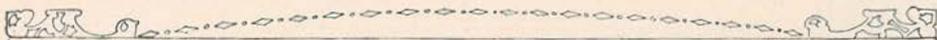
Em frente de Alcambar: Um contraste de perspectiva



Um aspeto do vale

mata — logo a dois passos de distancia o surpreendeu as nascentes do Alcambar, que o atravessou em prodígios de cultura, e fazem resolver, na ingenuidade rustica das azenhas, a explosão de vida que transmuda em familia o trigo das searas.

Acompanhando sempre n'uma pitoresca descensão o declive da montanha, corta-o transversalmente, junto ás abas da serra, o caminho velho de Alcongosta, motivo permanente nas suas encantadas peripécias para a alma d'um verdadeiro paizagista. Não sei de outro caminho, de outra perturbante azeitunhaga, em que a alma se sintam adentro da natureza, na ancestral evocação dos bons tempos bíblicos. Sob misteriosos tuneis de freixos e castanhei-



A mulher e a asenha regionaes.



ros, na orla paradisiaca dos grandes pomares da Beira, onde perpassa a mais humilde, sincera e afectiva gente portugueza, o caminho de Alcongôsta é ainda, como toda a cova beirão, um ignorado retiro, que apenas diariamente percorrem os moleiros do Alcambar na sua tristonha peregrinação aos povoados.

Logo á entrada do caminho, para quem desce o vale, depois de atravessada a pe-



Um trecho do caminho de Alcongôsta

quenina ponta junto da azenha que se vê n'uma das illustrações que acompanham estas linhas— Um aspéto do Alcambar — ergue-se o Castanheiro Grande, gigantesca reliquia dos tempos de D. Diniz, com vinte metros de circumferencia na base, e abrigo, dentro do seu largo tronco aberto em piramide, para algumas dezenas de pessoas. O illustre poeta, sr. dr. Alfredo Cunha deu-nos

A agua das nascentes de Alcambar junto ás origens



O castanheiro velho

(Clichs do distinto fotografo amador sr. Francisco Pinharanda)

recentemente uma bela impressão d'este ultimo motivo na «Fabula do Castanheiro Velho».

Toda a fertilissima terra á beira do caminho de Alcongôsta e na extensão de um ou dois kilometros, constitue a natural derivação do Alcambar, espraçando-se n'uma ininterrupta apoteose cultural desde o sopé da Guardunha até ao vale do Zêzere, que com ele se funde, por fim, na mesma luminosa perspectiva.

Remotamente, do fundo dos seculos, chegam até nós velhas exclamações mouriscas, aflorando em cada recan-

to de pa'zagem, onde o mesmo espirito vibra, inédito de larga côr regional:

- «Agua da Ocreza,
quem te bebêra!
- Serra da Guardunha,
quem te corrêra!
- Cabeço da Argemêla,
quem me lá dera!

Guardunha, IX—1913.

JOSÉ MONTEIRO.

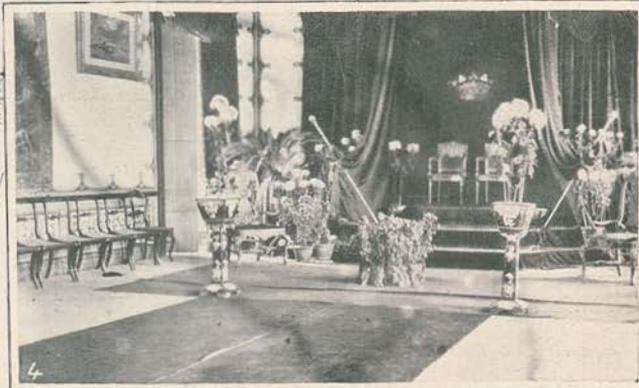
FIGURAS E FACTOS



2. Sr. Aires de Jacome Correia, marquez de Jacome Correia, presidente da Liga Micalense de Instrução Publica.



1. As Outonnes nos Açores: Parte do palacio Fonte Bela. O maior edificio dos Açores onde se realisaram as Outonnes.
3. Padre Manuel Vicente, um dos promotores da festa
4. O salão do palacio onde se realisaram os jogos floreaes.



Os jogos floreaes que sob a designação de *Outonnes* se realisaram no palacio da Fonte Bela, em Ponta Delgada, como homenagem ao sr. marquez de Jacome Correia, decorre-

ram brilhantemente. No concurso de beleza foram mais votadas a menina Maria F. Furtado e o menino Diogo Ivens Tavares que toda a assistencia festejou.



5. Aspêto da festa das creanças promovida pelo governador geral de Loanda no jardim da sua residencia, em 5 d'Outubro

A crise de Angola. Publicou o *Seculo* de 19 do mez passado uma entrevista de um dos seus colaboradores mais distintos com o sr. Casimiro de Almeida Arez, illustre administrador do circulo aduaneiro de Angola e de S. Tomé e Príncipe, sobre a crise economica e financeira d'aquella provincia. Não era preciso esse documento, aliás de muito valor, para demonstrar a alta competencia e zelo com que o sr. Almeida Arez tem estudado não só as questões que se relacionam com o bom desempenho do seu cargo, mas ainda to-



[Sr. Casimiro d'Almeida Arez

das que interessam a vida economica do nosso grande dominio da Africa Occidental, que atravessa uma fase difficil, se não angustiosa.

Onze anos de trabalho intelligente, honesto e aturado n'essa colonia imprimem ao sr. Arez a auto-ridade e o prestigio, que constituem a grande força dos funcionarios das colonias inglezas, que não tem a deploravel amovibilidade dos nossos que, ao contrario d'aqueles, quando começam a conhecer o mecanismo do seu serviço, é exactamente que são destacados ou transferidos.



O illustre escritor Julio Brandão, autor do livro *Garrett e as cartas d'amor*

Julio Brandão é um escritor de raça que desde as suas primeiras obras se tem imposto ao publico. No teatro, de colaboração com Raul Brandão, fez a *Noite de Natal*, no romance desde a *Farmacacia Pires* á *Maria do Céu* largamente firmou os seus creditos mais uma vez afirmados com a sua ultima obra *Garrett e as cartas d'amor* que foi ha dias posta á venda.

Mais um livro do illustre poeta João de Barros que todos os anos vem como a primavera trazer ao seu escolhido publico d'admiradores novas fiôres. O poema que o poeta publicou agora intitula-se *Anciedade* e é a cont nuação da forte nota impressiva e original do autor consagrado do *Anteu*.



O illustre poeta João de Barros, autor do novo livro *Anciedade*



4. Sr. Carlos Barros, ativo e intelligente chefe do movimento da companhia dos electricos—5. Sr. José Joaquim, antigo empregado dos carris de ferro e que dirigiu grande parte dos trabalhos—6. As experiencias de novos electricos na linha Avenida das Góries: Um carro passando na rua Correia Garção.—*Clíchê Benoitel*

E' negavel que a companhia dos electricos tem prestado grandes serviços a Lisboa no seu prodigioso alargamento dos ultimos anos.

O aumento agora efetuado da sua rede e o que se projeta, com annunciadas vantagens economicas para o publico são dignos de serem registados com elogios.



1. Sr. Guilherme Trindade Ferreira, filho do chefe da estação da Marinha Grande, falecido n'aquella localidade.—2. Sr. José Gonçalves Tota, contador, falecido na Covilhã.—3. Sr. José Carlos de Carvalho Vasconcelos, guarda-livros falecido em Lisboa.—4. Major Alfredo Veiga, falecido em Penafiel.—5. Sr. Joaquim Sebroza, guarda livros, falecido em Lisboa.—6. José da Silva Pinto, industrial, falecido em Lisboa.—7. Sr. José de Sousa Macedo, falecido em Vizeu.—8. Sr. Manuel Augusto da Costa, empregado do Gaz, falecido em Lisboa.

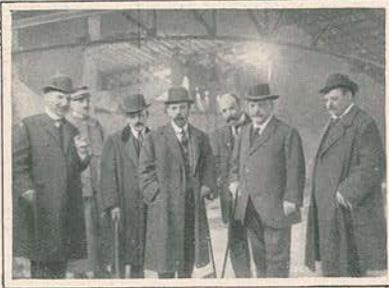
O sr. José Frederico Ferreira Martins, diretor da Imprensa Nacional da India, escreveu um primoroso trabalho sobre a Mesericórdia de Góa e que lhe valeu, com os aplausos da gente culta, uma nova missão de que brilhantemente se começa a desempenhar. O ministro das co-



lonias, por proposta do governador geral da India, lavrou uma portaria encarregando o distinto escritor de fazer a chronica dos vices-reis e governadores d'aquelle estado sendo a edição feita na Imprensa Nacional por conta do governo e largamente, illustrada.

1. Sr. dr. Ramiro Lourenço, deputado democratico eleito por Ponte Lima.—2. Sr. José Frederico Ferreira Martins, diretor da Imprensa Nacional da India.

O novo teatro Politeama, instalado na rua Eugenio Santos, foi visitado pelo sr. ministro do fomento que demoradamente analisou as magnificas instalações sendo acompanhado pelo empresario e proprietario do teatro sr. Luiz Pereira, arquiteto Ventura Terra e pintores Veloso Salgado e Bemvindo Ceia alem d'outras pessoas.



E' este teatro um verdadeiro encanto já pelas suas instalações já pela beleza das suas decorações. O palco é vastissimo, o balcão elegantissimo assim como a platéa devendo constituir um verdadeiro successo a sua abertura com a companhia do actor Gomes de que faz parte a actriz Cremilda d'Oliveira.

Durante a visita do ministro do fomento ao teatro Politeama



A' saída do município no dia da reunião dos delegados dos operarios e patrões destinada á constituição do tribunal especial para a resolução dos accidentes de trabalho, e que ficou adiada para 15 de Dezembro.—*Chiclé Benollet.*

Olarias de Monte Sinay

As olarias do Monte Sinay que foram agora tratadas n'um erudito estudo do illustre escritor d'arte sr. José Queiroz, forneceram á industria nacional bastos exemplos: es alguns dos quaes deveras preciosos.

Refere o autor do livro *As olarias do Monte Sinay* recentemente publicado que n'aquelle estreito bairro de Jesus ha-



Sr. José Queiroz

rece o trabalho do sr. José Queiroz, que é acompanhado por esplendidas gravuras algumas mesmo originaes como as dos azulejos que se encontram n'uma casa da rua de S. Boaventura e que representam um peralta muito correto no seu traje, d'espaldim ao lado, o bastão alto, o tricorne na mão com as seguintes fra-



Azulejos, silhar do portico da escada dos cardeaes de S. Vicente de Fóra.



1. Prato de-falança do seculo XVIII.—2. e 3. Pratos de falança decoração a azul e côr de vinho.

via vastas oficinas de oleiro e azulajadores, isto no seculo quinzentista.

E' sobretudo o azulejo feito nas olarias do poente da cidade que tem uma grande importancia sendo muito diverso dos outros d'esse tempo.

Ainda ma's notas d'alto interesse documental para a historia da olaria nacional ofe-



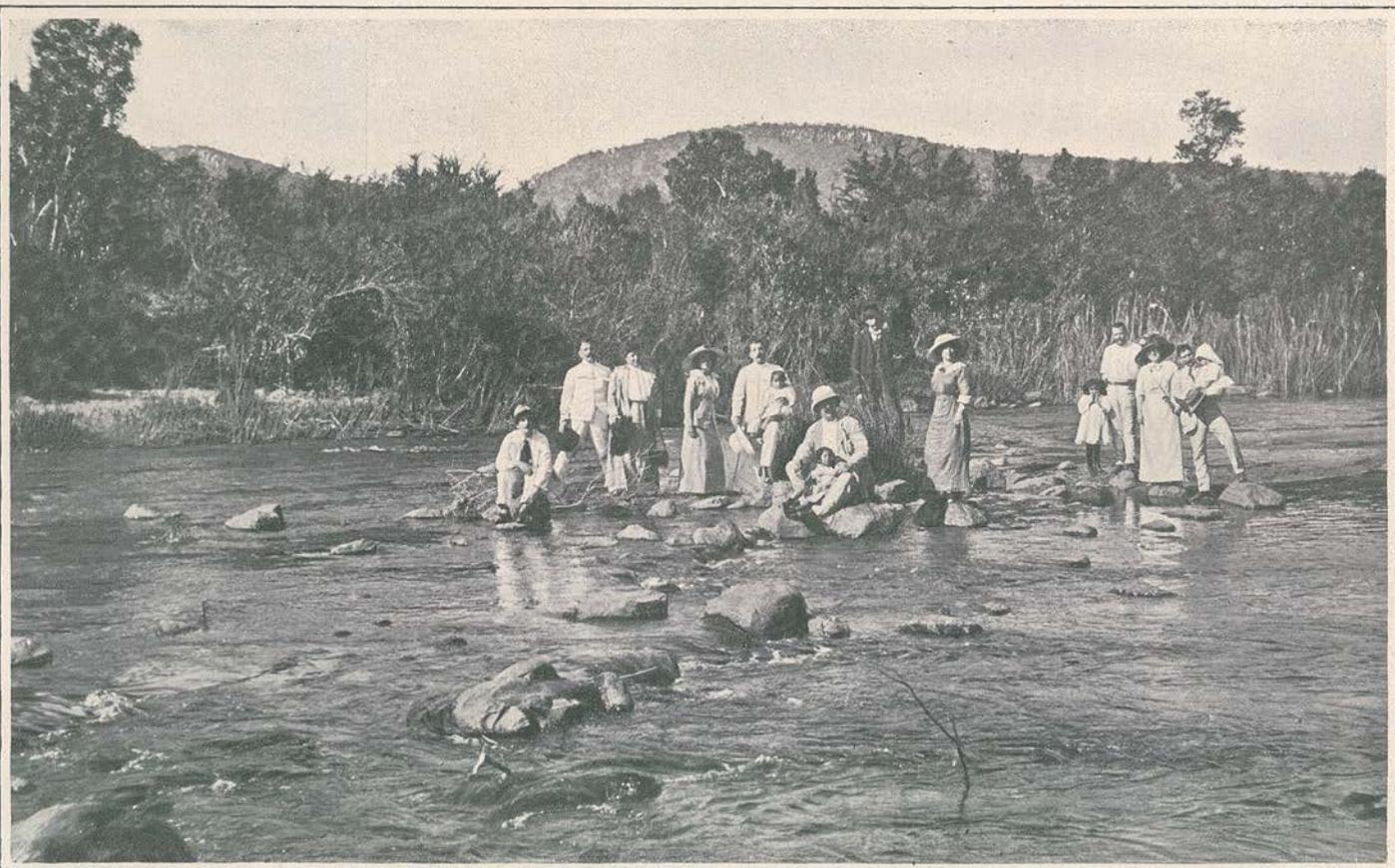
Bolão de falança decoração azul e amarelo da coleção do sr. Antonio Arroio.

zes escritas para os que chegavam a visitar os moradores: *Quem procura vocem-cê? Espere que eu chamo. Entre.*

Muitas outras referencias cheias de pitoresco, erudição e curiosidade oferece o livro que vem mais robustecer os creditos de que goza o seu autor.



UM PIC-NIC EM GOBA.—Grupo tirado em frente d'uma árvore monstro das margens do rio Umbelluzi cujo tronco mede de frente 4^m de largura. Da esquerda para a direita sr. A. d'Ambrunhosa, Firmo Roselra e A. Passos. Sentados sr. Cordelro Vielra e A. Passos, D. Beatriz Vielra, menino Roselra, D. Roby Roselra, D. Berta M. da Costa, menina Marques da Costa, Marques da Costa, Silva Carneiro e D. Maria Carneiro.



Depois do pic-nic : n'un banho de sol no meio do rio.—Clichés do sr. Adelino d'Almeida.



Os Teatros

A RAINHA DAS ROSAS no Teatro Avenida

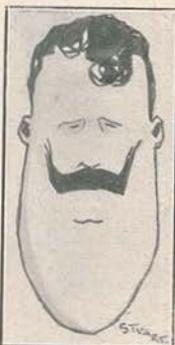
Um príncipe apaixonado, levar a linda rapariga, encarnada na frescura sempre moça da sr.^a D. Palmira Bastos, até ao seu paiz natal. Ai á ingenua rainha das rosas é presa como anarquista e a sua prisão dá motivo a tumultos revolucionarios. A florista descobre que o seu apaixonado é, nem mais

nem menos, do que o futuro rei. Porque é honesta, a ideia de ser amante de tão alta pessoa em não a seduz—antes a molesta. Insurge-se, quer partir. Mas o príncipe, ó floridos amores reaes! não pôde viver sem ela. E, após o inevitavel dueto de amor, o príncipe decide-se a segui-la, a mandar ao diabo a corôa, os conselheiros e o seu povo. Nesta tremenda altura, surge o preceptor—figura que



A atriz Palmira Bastos na Rainha das Rosas

a inesgotavel fantasia comica de José Ricardo compoz com muita felicidade. O preceptor invoca a severa historia, a immortalidade: não se atira um trono pela janela fóra, como quem atira uma ponta de cigarro. E, no espirito do príncipe, outra ideia surge: a da necessidade d'uma revolução. Perante uma revolução triunfante, sim, ele poderia abdicar. E eis este rei moço e amante que dá vivas á Republica, que manda chamar á sua presença os revolucionarios, que se faz conspirador.



Leoncavallo, autor da musica

Tal é o conto de fadas, terno e velho como todos os contos de fadas, que a musica inspirada e italiana de Leoncavallo coloriu e que a companhia do Teatro Avenida está representando com brilho e vivacidade.

Lindo conto de fadas —e graciosa satira, graciosa sobretudo para nós. A Rainha das Rosas representada ha um ano, aproximadamente, em Italia, no Teatro Dal Verme, é, de facto, uma inofensiva e espirituosa charge a coisas politicas portuguezas. A monarchia em que a ação da peça se desenrola, com a sua dinastia que vai para exilio e o seu rei apaixonado, chama-se no original *Portora* e foi a discreção do tradutor portuguez que transformou este *Portora* num distante e anodino *Rostova*.

De resto, áparte a satira, que é interessante e a fabula lirica des amores do rei e da rapariguinha



O ator José Ricardo, na Rainha das Rosas



A cena final do 2.º acto da Rainha das Rosas



Dr. Julio Dantas

das flores, a Rainha das Rosas dá-nos, em tres horas de musica facil e doce, o encanto de aplaudir, a mocidade eterna da sr.^a D. Palmira Bastos e o espirito comico do sr. José Ricardo.

O TAMBOR, episodio de

Julio Dantas, lido no Teatro da Republica por Augusto Rosa

Aliança, num cartaz de espectáculo destes nomes, Julio Dantas e Augusto Rosa, é sempre uma amavel promessa. A arte, galante e impressiva, desse pintor da palavra que é o autor d' *A Ceia dos Cardeaes* encontra o mais feliz dos interpretes no ator que, em Portugal, sabe tirar da palavra os mais sugesivos efeitos teatraes.

Augusto Rosa, mestre dos actores de *panache*, é pelo seu temperamento elegante, pelo seu estilo colorido, por tudo o que ha de orgulho, de distincção, de requinte na sua maneira artistica, o colaborador preciso do teatro, feminino e heroico, poetico e erudito, de Julio Dantas—e, no emtanto, factio curioso que demonstra como andam tresmalhadas, entre nós, as coisas d'arte, Augusto Rosa



Jorge Gentil e Nascimento Fernandes, no 1.º ato do «vaudeville» *A Luva Branca*

não tem hoje, no seu repertorio ativo, peça alguma do dramaturgo d' *A Severa*.

A leitura, feita ultimamente no Teatro da Republica, por Augusto Rosa do episodio de Julio, Dantas *O Tambor*, da serie *A Patria Portuguesa*, em publicação n' *A Capital*, forneceu ao publico o enjoo de mais uma vez admirar, unidos, o talento



evocador e empolgante d'um grande homem de letras e as brilhantes faculdades de expressão d'um grande ator. *O Tambor* é a narrativa teatral d'um episodio dramatico da legião portugueza ao serviço de Napoleão. Uma nobre poesia heroica anima esse quadro, feito a largas pinceladas de mestre. A bravura do adolescente, morto sob as azas imensas da agua imperial, passa, a nossos olhos, n'uma viva emoção e n'um vivo triumpho, ao lado d'essa outra figura, humana e tão portugueza, no amor e no orgulho, de mestre Braz.

A LUVA BRANCA no Teatro Apolo

O Teatro Apolo deu-nos agora *A Luva Branca* tradução do *Vous n'avez rien à déclarer*?

Weber e Hennequin são, com Feydeau, em França, cultores d'um genero em que têm sido imitados mas não excedidos. *A Luva Branca*, que durante dezenas de representações atordou Lisboa no teatro D. Amelia com a sua alegria esfusante e depravada e o *Occupe-toi d'Amélie*, que veremos em breve no Ginasio, são, com o *vaudeville* agora em cena no Apolo, obras curiosas de fantasia, em que o *truc* é manejado por mestres e em que a graça, libertina e franchezza, cintila com uma prodigalidade notavel.

Feydeau é immoral? Weber e Hennequin são imoraes?

Já Dumas, filho, dizia que não havia peças imoraes. O teatro é que, em si e por si, independentemente do que lá se representa, é immoral.

O chamado genero Palais-Royal não é, decerto, um genero para meninas. Mas a malicia pôde ser elegante—e só a grosseria é que é obscena.

A. DE C.



Lucia Garcia, Jorge Roldão e Jorge Gentil, no 2.º ato do «vaudeville» *A Luva Branca* (Clichs de Bedolle)

A LUZ ELETRICA EM OVAR

A vila d'Ovar inaugurou a luz electrica nas suas ruas. Constituiu esse melhoramento um motivo d'intenso jubilo para o povo varino que solenizou com festas esta iniciativa digna de todo o elogio.

A companhia d'iluminação e tração d'Ovar cumpriu assim



Fabrica geradora da corrente para a iluminação

a missão que se impuzera apresentando magnifico material e esplendidas instalações que tem dado os melhores resultados tornando mais bela a formosa vila onde o labor dos seus filhos é de dia para dia mais progressivo.

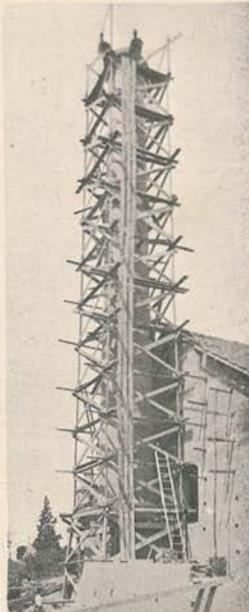
Dentro em pouco a tração



electrica aparecia * tambem em Ovar a confirmar o desenvolvimento notavel d'aquela pitoresca localidade.

Como se sabe ella já tinha os seus passeios formosos, os seus edificios modernos tornando ainda mais atraente o pitoresco regional que tem, com o embelezamento da paisagem, a graça que lhe empresta a mulher varina com o seu trajo, o seu vigor, o seu modo, a sua alegria na labuta a que se entrega desde o alvorecer ao pôr do sol.

E' a característica dominante d'esse povo, ao seu amor pela terra, que o faz ir lidar para longe a fim de edificar na sua vila querida, que em grande parte se deve o melhoramento agora ruidosamente inaugurado entre festas.



2. Os dois motores verticaes e quatro dinamos.—3. Sala das maquinas. Fotografia tirada de noite só com o auxilio da luz das lampadas da sala com os motores funcionando.
4. A colocação d'uma consola na rua José Falcão.—5. O carro da fabrica da electricidade ainda em construção.—(Clichés do sr. Ricardo Ribeiro, de Ovar)

E' facil

— *Basta que os*

impedir

descrentes

e os

a queda

desiludidos

Respondam
às

seguintes perguntas:

do

cabelo

*Sofre de alguma doença?
E' nervoso?
E' anemico?
Que idade tem?
Desde quando lhe caem os cabelos?
Tem peliculas, ou caspa?
Os seus cabelos são oleosos?
Os seus cabelos são secos?
Que applicou ao seu cabelo e o quê?*

A maior parte das pessoas que vêm cair os seus cabelos não sabem que a culpa d'isso é quasi sempre sua. O grande motivo d'essa queda é a falta de hygiene apropriada. Supõe-se geralmente que basta lavar a cabeça para se conservar um bom cabelo. E o cabelo enfraquece, cae aos poucos, vae desaparecendo e quando um dia se olham ao espelho encontram-se inteiramente calvos. Os cabelos precisam ser tratados e cuidados convenientemente; e ao menor aparecimento de caspa, peliculas, gordura, etc., deve-se procurar logo impedir a continuação de taes coisas, pois elas são sinais evidentes do mau estado do cabelo. Mas não convem aplicar e usar o primeiro produto que nos apparece á vista. E' necessario saber primeiro o que se tem, para praticar em seguida uma hygiene apropriada e que dê o resultado que desejamos.

Isto, *que é indispensavel*, é que nós vamos pôr á disposição dos nossos leitores e do publico em geral.

Depois de prolongados estudos e numerosissimas experiencias a que procedemos, estamos habilitados a dizer a toda a gente o motivo porque o cabelo lhe cae e o que deve fazer para lhe impedir a queda. Responderemos na volta do correio a todas as perguntas que nos façam sobre a queda do cabelo, desde que nos dirijam em carta, acompanhada d'uma estampilha de 25 réis, as respostas ás perguntas que acima fazemos.

As cartas devem ser dirigidas a *M.^{me} Carvalho*, secção C, *Escritorio de Encomendas do «Suplemento de Modas & Bordados»*, Rua Ivens, 31, 1.^o—Lisboa.

Não se trata d'um reclame; trata-se d'um valioso serviço prestado a todas as pessoas que desejem evitar a queda do cabelo.

Cold-Crème Albert Simon

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cicero, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para lóra acrescém os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA



Sabonete preparado
com os saes das Aguas



de **Lizella**

o melhor para a pelle

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

fazem-se nas officinas da *Ilustração Portuguesa*, postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes com inexcédível perfeição. Zincogravura e Photogravura em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado e nickelado. Em cobre. A côres, pelo mais recente processo — o de trichromia. Para jornaes com tramas especias para este genero de trabalhos. Stereotypia de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde e da noite.

Rua do Seculo, 43—LISBOA

Agencia d'O SECULO em Paris

8, RUE DES CAPUCINES, 8

(Entre a rua de la Paix e os grandes boulevards)

TELEFONE

ASCENSOR

Salão de leitura — Escritório de informações — Publicidade — Hotéis — Viagens — Propaganda — Teatros — Condições excepcionaes em grande numero das primeiras casas de commercio parisienses — Serviços de guias interpretes — Estabelecimento de relações commerciaes entre a França, Portugal e Brazil

Dirétor da agencia — PAULO OSORIO

Endereço telegrafico — SECULO-PARIS

A *Agencia d'O SECULO* em Paris firmou um contrato com a casa SARTONY, fotografia d'arte (45, rue Laffitte, Paris) que lhe permite oferecer gratuitamente aos portuguezes e brazileiros residentes ou de passagem n'aquella cidade, um magnifico retrato artistico. Para isso os nossos leitores terão apenas de procurar os BONS de sessão de POSE nos escritórios da Agencia, 8, rue des Capucines. Os SPECIMENS estão expostos no salão da Agencia.

CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e
Saint Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleres os.

Descorrija das Imitações.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e pre-
viz o futuro, com veracidade e rapi-
dez; é incomparavel em vaticínios.
Peio estudo que fez das ciencias,
quimicas, cronologia e fisiologia e
pelas applicações praticas das teo-
rias de Gall, Lavater, Desbarrolles,
Lambrose, d'Arpentigny, madame
Brouillard tem percorrido as princi-
pales cidades da Europa e America,
onde foi admirada pelos numerosos
clientes da mais alta categoria, a
quem preste a queda do imperio e
todos os acontecimentos que se lhe
seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá
consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA
100 CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 15000 rs., 25000 e 50000 rs.

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA LUZ A GAZOLINA



Wigard



UNICA QUE ACENDE COM UM FOS-
FORO COMO O GAZ E TENDO UM
PODER ILUMINANTE DE 500 VE-
LAS, APENAS CONSUME UM LITRO
DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PE-
DIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-
REIRA & C.^a — COIMBRA
São-se representantes em todos os concelhos

CARNE LIQUIDA do Dr. Valdez Garcia de MONTEVIDEO

E' O MELHOR—TONICO—RECONSTITUINTE

para curar a anemia, debelidade geral, afeções nervosas para a tísica, creanças raquíticas e convalescentes



PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor,
sem alegrias, sem felicidade, quando é
tão facil obter fortuna, saúde, orço,
amor, correspondido, ganhar aos jo-
gos e loterias, pedindo a curiosa pro-
bura gratis, em portuguez, do professor
YTALO, 35, Boulevard Bonne-
Neuve, 35 - PARIS.

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos
para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias*
é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas
de tarde ao jantar).

Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

OFICINAS DA

"Ilustração Portuguesa"

R. DO SEGULO. 43 — LISBOA

Rosés d'Orsay

Evoca o perfume da Flor

D'ORSAY 17 Rue de la Paix PARIS



SELLOS PARA COLECCOES

M. POLAIN, 5, rue Victor-Massé, Paris.

GRANDE REALZA FICHA DOS CATALOGOS

Lista de preços a retalho e com um fornoso
sello de primo. Cuadernos para escolher
contra referencias.

1000 n.ºs P. > 12,50	100 Col. Esp. > Post. 10.
5000 > 37,50	200 > Ing. > 8.
300 Amer. Cent. 10. > 120	> Frang. > 6.
120 As., P.-Ind. 10. >	75 > Portug. > 5.

RIVIÈRE (Auto «Metallurgique») — PNEUS CONTINENTAL
Nas oliveirasRIVIÈRE (Auto «Metallurgique») — PNEUS CONTINENTAL
Na areia

CIRCUITO DE MARROCOS DE 1913

(CASABLANCA, RABAT, MARRAKECH, SAFFI, MAZAGRAN, CASABLANCA)

840 KILOMETROS

1.^{OS}

da 1.^a etapa CORMELLE (Auto «De Dion»)

da 2.^a etapa P. RIVIÈRE (Auto «Metallurgique»)

da 3.^a etapa P. RIVIÈRE (Auto «Metallurgique»)

da 4.^a etapa P. RIVIÈRE (Auto «Metallurgique»)

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.^o

RIVIÈRE

TODOS EM

PNEUS

CONTINENTAL

(LISOS, ROUGES FERRÉS E 3 NERVURAS)

CORMELLE («Auto De Dion») — PNEUS CONTINENTAL
Um encontro no desertoRIVIÈRE (Auto «Metallurgique») — PNEUS CONTINENTAL
Na estrada